



Reflexões no Processo da Leitura e da Escrita nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

*Joana D'arc Alves Dantas¹; Maria Natália Pereira Landim²;
Mariza Danielli Pereira Sobreira³; Micaelle Nunes Sobreira de Brito⁴*

Resumo: Justifica-se o desenvolvimento desta pesquisa em razão da apresentação por alguns municípios cearenses de baixos índices de desempenho nas avaliações de estudantes em processo de alfabetização. Objetivou-se analisar o processo da aquisição da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental, com abordagem qualitativa, através da realização de um estudo bibliográfico e de pesquisa de campo em uma escola da rede pública da cidade de Barbalha, estado do Ceará, na qual utilizou-se a entrevista como principal instrumento de coleta de dados. Acredita-se na importância fundamental do desenvolvimento de um processo de alfabetização atrelado ao letramento para que o aluno possa ampliar o seu conhecimento intelectual e, conseqüentemente, transformar o mundo que o cerca. Em campo observou-se que os professores valorizam o método de alfabetizar-letando como influenciador da aprendizagem da leitura e da escrita pelos educandos. São eles peças chaves para as mudanças almejadas no cenário que justificou o trabalho.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Alfabetização.

Reflections on the Reading and Writing Process in the Elementary Schools

Abstract: The development of this research is justified due to the presentation by some municipalities of Ceará of low performance indexes in the evaluations of students in the literacy process. The objective of this study was to analyze the process of acquisition of reading and writing in the early grades of elementary school, with a qualitative approach, through a bibliographic study and field survey in a public school in the city of Barbalha, state of Ceará, in which the interview was used as the main data collection instrument. We believe in the fundamental importance of developing a literacy process linked to literacy so that students can expand their intellectual knowledge and, consequently, transform the world around them. In the field, it was observed that teachers value the method of alphabetizing literacy as an influence on the learning of reading and writing by students. They are key pieces for the desired changes in the scenario that justified the work.

Keywords: Reading. Writing. Literacy.

¹ Discente do Mestrado em Ciências da Educação da Absoulute Christian University. joanaddantas@gmail.com Juazeiro do Norte – Ceará – Brasil.

² Especialista em Psicopedagogia. natlandim@yahoo.com.br Juazeiro do Norte – Ceará – Brasil.

³ Discente do Mestrado em Ciências da Educação da Absoulute Christian University. marizasobreira@hotmail.com Juazeiro do Norte – Ceará – Brasil.

⁴ Especialista em Educação Infantil e Ensino Fundamental. micaelle.nsb@gmail.com Juazeiro do Norte – Ceará – Brasil.

Introdução

A educação nas séries iniciais do ensino fundamental se propõe a propiciar às crianças uma aprendizagem significativa, que desenvolva habilidades favoráveis à aquisição da leitura e da escrita de forma ampla e progressiva. Verifica-se que as crianças, nos dias atuais, necessitam de práticas inovadoras, que ativem a sua percepção e o raciocínio lógico, já que são crianças estimuladas pelas tecnologias avançadas e que possuem uma relação familiar mais aberta do que as de antigamente. Pode-se afirmar que o desenvolvimento da criança acontece, atualmente, através da interação que ela faz com o meio em que está inserida, a partir do seu contexto histórico e social. Estas interações devem ser construídas com dinamismo, mantendo relação entre o desenvolvimento significativo e uma aprendizagem de qualidade.

Na realidade, sabe-se que ler e escrever não são dons, e que as crianças não possuem mentes vazias; todas têm um potencial que pode estar adormecido dentro delas. E para que este desperte, é preciso estímulo, incentivo, encorajamento, estratégias e muito afeto. Saber ler e escrever é de fundamental importância para a construção da história de vida de cada ser humano.

O objetivo deste trabalho é analisar como ocorre o processo da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental em uma escola da rede pública municipal de ensino, localizada no bairro Sítio da Mata dos Lima, na cidade de Barbalha, estado do Ceará. Verifica-se que este processo se dá gradativamente e nele ocorre a sequência das fases ou estágios pelos quais as crianças passam na sua primeira e segunda infância. O desenvolvimento infantil em seus principais aspectos: físico psicomotor, cognitivo e, principalmente, afetivo, e a oferta de subsídios para se adquirir as principais bases do crescimento e do enriquecimento da construção do conhecimento, que ocorrem nessa etapa, também são abordados.

Nesse mesmo enfoque trata-se ainda na pesquisa das técnicas, dos métodos e das atividades direcionadas, cujos conteúdos são aplicados para o desenvolvimento das potencialidades do aluno e o habilita a adquirir a capacidade necessária de se tornar um adulto autônomo, independente e socialmente participativo. O estudo questiona se o método de alfabetização adotado pela escola pesquisada é adequado para favorecer a leitura e a escrita; e como este pode influenciar na aprendizagem dos educandos.

Justifica-se o desenvolvimento desta pesquisa por acreditar que a leitura e a escrita são necessárias para que o aluno da alfabetização possa ampliar o seu conhecimento intelectual e,

consequentemente, transformar o mundo que o cerca. Também, por entender que no âmbito educacional falar de alfabetização é algo muito complexo e exige das pesquisadoras, leitura e discernimento, por tratar-se de um processo inerente ao desenvolvimento humano, o qual requer e espera entendimento sobre o assunto, uma vez que cada ser é único e tem o seu próprio tempo de aprender, uns mais rápido, outros lentamente.

Acredita-se que as informações sociais fazem com que o aluno leve para a sala de aula uma diversidade de perguntas da realidade que o cerca, sobre os acontecimentos cotidianos de seu bairro, sua família, ou mesmo de um passeio. Com isso, os alunos vão amadurecendo e florescendo para um progresso sucessivo de aprendizagens, tornando-se sujeitos ativos e curiosos. Pode-se dizer que é assim que a alfabetização acontece, a partir das experiências vivenciadas em seu espaço social. Os aprendizados que são adquiridos no âmbito educacional tendem a deixar no aluno marcas de conhecimentos que serão levados para toda a vida e, consequentemente, os auxiliam positivamente no processo de leitura e escrita.

A presente pesquisa fundamentou-se, teoricamente, através do diálogo entre vários autores, tais como Vygotsky (2007), Tfouni (2007) e Ferreiro (2001), que forneceram subsídios para fundamentar a discussão obtida através do estudo de caso, com abordagem qualitativa, o qual se utilizou da entrevista semiestruturada como principal instrumento de coleta de dados, auxiliando a enaltecer as pesquisas que buscam compreender melhor os caminhos da leitura e da escrita no universo educacional.

Leitura e Escrita

Aquisição da leitura e da escrita

A acolhida da criança ao mundo exterior é de grande importância para o seu sucesso, por ser esta a primeira fase da vida em que o indivíduo começa a lidar com as descobertas, enfrentando os desafios que surgirão a cada minuto de experiência vivida, a qual dará início ao desenvolvimento de sua linguagem oral.

Na visão de Vygotsky (2007) o desenvolvimento do sujeito ocorre no momento em que surge a influência recíproca do meio social, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Nesse sentido, entende-se que a construção social da criança, por meio da interação com o adulto, é muito importante para a sua formação organizacional e psicológica,

além de contribuir como elemento essencial para o desenvolvimento da sua aprendizagem global.

Quanto à aquisição da linguagem escrita/ da atuação, geralmente esta já ocorre do primeiro para o segundo ano de existência do sujeito. Nessa idade, a criança já demonstra ser possuidora de ações mais complexas. Além do controle dos movimentos há, também, uma organização interna mais vasta, pois a mesma tende a se ajustar a locomoção e, conseqüentemente, a mobilidade é mais crescente, tornando-se a criança capaz de empilhar objetos, tentar encaixá-los, deslocar-se para pegar um brinquedo que rolou para debaixo de certo móvel e, o mais extraordinário, brincar de faz-de-conta, fingindo pentear os cabelos, ninar a boneca e dar-lhe comidinha. Conforme Oliveira,

Ao imitar, a criança mostra ter interiorizado o modelo, construindo com base nele uma imagem mental e reproduzindo suas ações. Isso aparece com clareza nas brincadeiras de faz-de-conta. Nelas, ao imitar a mãe, dando de comer a uma boneca, exterioriza gestos e verbalizações percebidas em sua experiência pessoal. Como a mãe não está presente na brincadeira, a criança utiliza-se de uma imagem do papel de mãe para poder atuar (OLIVEIRA, 2002, p. 131).

A leitura e a escrita inicial construirão o próximo passo que a criança vai dar em seu processo de adequação ao mundo. Ao colocar no papel esses conhecimentos, a criança tende a produzir por meio de suas representações. Portanto, compete à educadora registrá-los com as palavras da criança e desta forma garantir o ingresso natural desta ao universo da escrita.

A escrita e a leitura que a escola deve ensinar

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (1998) apontam aspectos fundamentais relacionados à leitura e à escrita que a escola deve ensinar, ao relatarem que a concepção educativa deve ser envolvida com a popularização social, aspecto em que a escola tem o papel e a responsabilidade de assegurar a todos os seus educandos o acesso aos conhecimentos linguísticos primordiais para a prática da cidadania, o que é um direito legalmente assegurado a todos.

A escola deve proporcionar situações em que a função de escrever esteja sempre presente, não somente como apropriação de código, mas como subsídio para ampliação dos conhecimentos. Para Mello (2005) é a escola o espaço ideal para proporcionar condições

adequadas na promoção da aquisição do desenvolvimento integral da pessoa, além de estimular e incentivar o interesse pela leitura e escrita.

Em relação à escrita, o interessante é perceber a lógica que as crianças usam quando representam o mundo por meio de desenhos, letras, números, gráficos diversos, entre outros. Suas primeiras tentativas de escrita são grafias que se assemelham com letras que já não são mais desenhos; “[...] a escrita deve ter significado para as crianças, que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida” (VYGOTSKY, 2007, p. 144).

Com relação à leitura, segundo Corá (2001), não é muito diferente, pois as crianças possuem um conjunto de hipóteses sobre o que podem ler ou não. São lógicas arrasadoras, interessantes e surpreendentes. Por isso é fundamental ler muito com as crianças e para as crianças. Pois, os saberes que vivenciam com a leitura se tornam inesquecíveis e imensuráveis na compreensão do código escrito.

Assim sendo, compete à unidade educacional ocasionar e ampliar o desenvolvimento dos saberes de maneira que, gradualmente, os nove anos direcionados ao ensino fundamental façam com que cada aluno seja capaz de decodificar diversos textos, bem como produzir outros.

De acordo com Carvalho,

A escrita e a leitura que a escola deve ensinar é também, exatamente aquela que considera os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade, responsabilidade na sociedade em que se vive (CARVALHO, 2005, p.15).

Portanto, a escola deve ensinar uma escrita e uma leitura que permita ao indivíduo a construção dos significados necessários e constitutivos; em que a língua oral e escrita possam se fazer presentes, levando-o a ampliação de seus conhecimentos.

Aquisição significativa da leitura e da escrita

Na visão de Tfouni (2007) a criança aprende a escrever com base em dois fundamentos da aquisição: o princípio da escrita e o método utilizado para escrever. Para aprender a escrita é preciso saber que a própria está incluída na leitura, e para exercê-la é necessário que o aluno seja capaz de conhecer os signos, ou seja, as letras.

Segundo a autora, a criança ainda pequena, tendo em suas mãos lápis e papel, produz marcas, imitando a escrita dos mais velhos, elaborando uma série de ideias e de hipóteses provisórias antes de compreender o sistema escrito em toda a sua complexidade. São hipóteses construídas no âmbito de cada criança, por meio do seu conhecimento observacional, dependendo do meio em que vive e da motivação recebida. Portanto, reflete-se que, se uma criança convive com pessoas que gostam de ler e escrever, conseqüentemente passará a imitá-las e valorizar a escrita e a leitura (TFOUNI, 2007).

Sabe-se que o professor, ao ler uma história, ensina a criança pequena uma maneira de ouvir o que está sendo lido. Cabe a este dar significados ao conteúdo para que o educando passe a habituar-se à narrativa, por meio da criatividade, aumentando o seu tempo de atenção, mostrando as figuras do texto e fazendo indagações sobre o entendimento da história. Além da criança aprender a oralidade da escrita, aprende, também, a sintaxe desta, e passa a compreender melhor a palavra escrita (BRASIL, 1998).

Concepções a Respeito da Alfabetização

As concepções sobre a alfabetização fundamentam-se numa visão de homem e de sociedade. Verifica-se que hoje a alfabetização tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a educação, já que há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem, as inúmeras reprovações e a evasão escolar (CIASCA, 2003).

Pode-se tomar a alfabetização como um processo em permanente construção que não se reduz a técnica de codificação mecânica. Compreende-se que a alfabetização em relação ao aspecto cognitivo deve ser entendida, pois, como um processo que se inicia com a criança pegando, ouvindo, comparando e experimentando objetos. Frente a esta constatação, verifica-se que o passo seguinte consiste na leitura dos signos gráficos.

A evolução do processo de alfabetização, assim como ocorre com a fala e com o desenho, decorre do estágio de maturação das estruturas mentais do aprendiz e de suas experiências de interação social. Pode-se ressaltar, ainda, que para alfabetizar é preciso acompanhar passo a passo o desenvolvimento das crianças em sua totalidade, propiciando-lhes experiências cada vez mais ricas, correspondentes aos estágios em que se encontram (ZORZI, 2002).

Para Ferreiro (2001), no livro *Psicogênese da língua escrita*, as concepções espontâneas que as crianças a partir de três anos de idade elaboram ao pensarem sobre a escrita convencional são as seguintes: uma figura não é para ler, embora possa ser interpretada; para que possa ler, são necessárias outras marcas diferentes das figuras; para poder escrever, a criança inventa suas próprias letras; as crianças consideram que as palavras servem para dizer os nomes das coisas; as crianças acham que as palavras escritas com menos de três letras não podem ser lidas, trata-se das hipóteses de quantidade e variedade de caracteres (conflito com a escrita alfabética); acreditam, num primeiro momento (hipótese silábica), que basta escrever uma letra para cada emissão sonora; as crianças, então, enxertam letras produzindo uma escrita ora silábica, ora alfabética; as crianças atingem a hipótese alfabética quando compreendem que, na escritura, as letras combinadas representam os sons da fala e que essa escritura obedece a regras convencionais socialmente.

Alfabetizar corresponde a compreender para que servem os sinais da escritura (letras, sinais, pontuação, separabilidade) e de que modo eles se articulam no tecido da escrita. É um complexo processo conceitual e não apenas perceptivo, pois, segundo Morais (2012, p. 65):

[...] não podemos confundir “ter alcançado uma hipótese alfabética de escrita” com “estar alfabetizado”. A passagem da primeira condição à seguinte deverá ser, em nosso ponto de vista, o resultado de um cuidadoso processo de ensino-aprendizagem, agora não mais (ou principalmente) de aspectos conceituais do sistema alfabético, mas, sim, das convenções som-grafia [...].

Conforme ressalta Freire (2006, p. 9), “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo”, sendo que aprender a ler, escrever, enfim, estar alfabetizado é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, interagir com os semelhantes, com as formas de cultura da sociedade e agir de forma consciente através do conhecimento, da compreensão e da interpretação do mundo em que vive.

Freire (2006, p. 11) afirma ainda que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Para Ferreiro (1999 apud DUARTE, ROSSI e RODRIGUES, 2008), a alfabetização não é algo que tem começo e fim, ou seja, pode-se constatar seu começo nas pequenas construções demonstradas pelas crianças, anteriormente à escola, mas o fim não se pode prever, visto que

se aprende, constantemente, até os últimos dias de vida, desde a infância até a velhice. Segundo a autora,

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p.23, DUARTE; ROSSI e RODRIGUES, 2008, p. 3).

Alfabetizar não quer dizer que o aluno saia do 1º ano já lendo e escrevendo um livro, mas que ele tenha a capacidade de construir, reconstruir e reelaborar novos conhecimentos, através das oportunidades disponibilizadas na escola. O incentivo à leitura faz parte da rotina escolar, para que desperte na criança desde pequena o gosto pela leitura, pois, na escola o aluno pode ser transformado, pessoalmente e socialmente, trilhando caminhos favoráveis, que se agregam aos valores essenciais do ser em processo de desenvolvimento.

Programa de Alfabetização na Idade Certa - PAIC

O Programa de Alfabetização na Idade Certa - PAIC é um programa implementado pelo governo estadual do Ceará, criado com a finalidade de monitorar o desempenho dos alunos em processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas. A grande prioridade do PAIC é amparar os municípios na prática de políticas públicas que favoreçam o direito de aprendizagem de todos os alunos, especialmente no 1º ano do ensino fundamental. Segundo Gusmão e Ribeiro (2011, p. 10), o PAIC, lançado como política pública em 2007, foi aderido por 184 municípios cearenses, os quais têm alcançado bons resultados na alfabetização das suas crianças.

Soares (2013), em sua dissertação de mestrado, afirma que o PAIC surgiu a partir de uma preocupação coletiva dos órgãos legislativos, visto que a situação da educação no estado do Ceará apresentava baixos resultados em relação à alfabetização infantil.

O programa PAIC disponibiliza um acervo bastante rico de materiais pedagógicos que auxilia o trabalho do professor, como livros didáticos, livros paradidáticos, cartazes e uma grande variedade de jogos pedagógicos que são importantes para o desenvolvimento de aprendizagens nas áreas de matemática, português, história, geografia e outras.

Segundo Gusmão e Ribeiro,

No PAIC, os materiais estruturados são oferecidos como uma base para o professor, que é estimulado a exercer sua criatividade na preparação das aulas a partir do que é proposto. Os livros do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD continuam sendo distribuídos às escolas cearenses, que são orientadas pela SEDUC a usá-los de forma complementar (GUSMÃO e RIBEIRO, 2011, p. 20).

O estado do Ceará obteve bons resultados com a implementação do PAIC, mas nem todos os municípios foram unânimes em apresentar resultados positivos, uma vez que alguns não tiveram os devidos comprometimentos dos órgãos competentes nesta área.

Gomes informa:

De acordo com o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará-Alfabetização (SPAECE-Alfa), em 2007 apenas 26% dos Municípios cearenses apresentavam médias de desempenho consideradas suficiente ou desejável para os alunos concluintes do 2º ano do Ensino Fundamental (GOMES, 2013, p. 11).

O PAIC é um programa bem organizado, porém ainda falta, precisamente, a destinação de responsabilidades e o comprometimento dos que estão na base do processo de alfabetização, corpo docente e os gestores, visto que os índices de alfabetização de alguns municípios do estado do Ceará, como os de Juazeiro do Norte, principal cidade que compõe a região metropolitana do Cariri e de nível de desenvolvimento econômico no estado atrás somente da capital Fortaleza, ainda apresenta baixos resultados.

Observa-se uma quebra, uma ruptura considerável no processo inicial de aquisição de habilidades pelas crianças, que gera consequências, como a situação de crianças que chegam ao 5º ano do ensino fundamental sem saber ler, interpretar e solucionar problemas ou situações de conflito.

Sobre o tema, Marques, Aguiar e Campos observam:

[...] é bastante preocupante verificar que a maioria das escolas públicas não está cumprindo o seu objetivo primordial: alfabetizar as crianças nas séries iniciais do ensino fundamental. [...] A possível explicação para o baixo desempenho dos alunos avaliados está na combinação de três fatores: localização das turmas, organização pedagógica e formação dos professores (MARQUES, AGUIAR e CAMPOS, 2009, p. 289).

Evidencia-se que é um desafio para o estado garantir para todas as crianças a oportunidade de serem alfabetizadas com qualidade. Se isto não ocorre em alguns municípios e escolas, deve-se realizar uma profunda investigação para saber onde e por que este processo foi quebrado.

Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa se classifica como um estudo bibliográfico e de caso. Na visão de Lima e Miotto (2007, p.41), “[...] a pesquisa bibliográfica apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados constituídos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência.”.

Nesse sentido foi necessária a utilização de livros, coletânea de artigos, revistas, sites, entre outros recursos, fundamentando a discussão através da leitura e do reconhecimento do material ligados a temática em questão. Esta leitura tem como desígnio central escolher os embasamentos essenciais que podem proporcionar subsídios teóricos referentes ao tema.

Na concepção de Vergara (2009, p.44), “estudo de caso é o circunscrito a uma ou poucas unidades, entendidas essas como pessoa, família, produto, empresa, órgão público, comunidade ou mesmo país. Tem caráter de profundidade e detalhamento. Pode ou não ser realizada em campo”.

O critério para o desenvolvimento deste trabalho foi por meio da pesquisa descritiva, que na concepção de Larosa e Ayres (2005, p.35) permite ao estudioso “observar e registrar fatos cotidianos, perfis de grupos, opiniões, dogmas etc. Após a análise dos registros obtidos é possível ao pesquisador efetuar a correlação dos fatos observados, definir o que aconteceu, como, quando e onde ocorreu”.

Outro critério utilizado foi a abordagem qualitativa, em que as informações foram analisadas e enfatizadas as opiniões e os comentários. Conforme Diehl e Paim,

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema, a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (DIEHL e PAIM, 2002, p. 74).

Portanto, entende-se que nesse tipo de pesquisa se torna mais viável a compreensão do assunto em questão, facilitando a interpretação dos dados coletados.

A escola que subsidiou o embasamento para as informações desta pesquisa é a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Dionísio Coelho Uchôa, pertencente a rede de ensino público do município de Barbalha, estado do Ceará, a qual mantém o ensino infantil e fundamental com

a finalidade de desenvolver no educando a formação necessária e indispensável para o exercício da cidadania e fornecer meios para o progresso do trabalho.

Fizeram parte desta pesquisa quatro professores do 3º e 4º anos do ensino fundamental. Para todos os participantes, explicou-se o interesse em obter as informações sobre a importância da leitura e da escrita no processo de alfabetização e letramento nas séries iniciais do ensino fundamental e, em seguida, leu-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o qual apresentou os aspectos éticos e legais da pesquisa, respaldando-se através das resoluções nacionais nº 466/2012 e nº 510/2016. Estas deixam claro, dentre outros aspectos, a participação voluntária e o anonimato dos entrevistados. Os quatro professores participantes foram identificados apenas através das siglas: P1, P2, P3 e P4.

Optou-se pela coleta através de indagações, com tema voltado para a importância da leitura e da escrita no processo de alfabetização e letramento nas séries iniciais do ensino fundamental, tendo como instrumento a entrevista semiestruturada.

A utilização da entrevista é de grande relevância, por esta proporcionar uma maior proximidade e conhecimento das realidades apresentadas. “A entrevista semi-estruturada, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do entrevistador, possibilita que o informante use toda sua criatividade e espontaneidade, valorizando mais a investigação” (COLAUTO; BEUREN, 2010, p. 133).

O período de coleta dos dados se deu entre os meses de fevereiro a março de 2016 e as informações colhidas foram organizadas conforme as falas dos participantes, com o intuito de facilitar o entendimento acerca da temática.

Resultados e Discussões da Pesquisa de Campo

Ao questionar os professores quanto a suas opiniões com relação às habilidades básicas para as crianças dominarem a leitura e a escrita, obtiveram-se as seguintes falas:

Conhecimento de mundo. O professor não pode falar de um assunto que o aluno nunca viu. O assunto deve fazer parte da vivência do contexto no qual a criança está inserida. Se contextualizar o aluno vai aprender com mais facilidade. (P1).

A coordenação motora; ver imagens, gravuras e frases curtas. (P2).

Interesse, ter contato com textos acessíveis, realizar atividades que despertem a curiosidade. (P3).

Vontade, dedicação, treino em leitura todos os dias para aprimorar o vocabulário e se desenvolvendo na escrita. (P4).

Percebe-se que cada professor tem opinião diferenciada para a habilidade da aquisição de leitura e escrita de seus alunos. Mas, acredita-se que, colocadas em prática essas opiniões, “a leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade” (ORLANDI, 1988 apud SILVA, 2010, p.13). Neste sentido, acredita-se ser possível ler e escrever com qualidade, desde que os envolvidos no ambiente escolar, entendam a importância de saber ler e compreender o que estão lendo.

Quando indagados sobre quais os critérios ou instrumentos usados para avaliar o desempenho em leitura e escrita de seus alunos, os professores responderam que:

Contexto, acompanhamento individual e diário, diagnóstica no início do ano para detectar o nível de conhecimento de cada um e posteriormente o progresso que eles vão tendo durante o ano. (P1).

Avaliação escrita, oral, participativa, atividades de casa resolvidas e o interesse do aluno. (P2).

Adequar a metodologia de acordo com a necessidade deles. (P3).

O conhecimento pré-estabelecido de cada um, as atividades didáticas, brincadeira e textos que façam parte do dia a dia deles. (P4).

Com base nas respostas pode-se dizer que a avaliação é um processo dialógico, interativo, que visa fazer do indivíduo um ser melhor, mais crítico, criativo, autônomo e participativo. Esta deve ser tarefa permanente do professor, que precisa acompanhar a trajetória do aluno. Segundo Sordi (2001, p.173), “a avaliação espelha um juízo de valor, uma dada concepção de mundo e de educação, e por isso vem impregnada de um olhar absolutamente intencional que revela quem é o educador quando interpreta os eventos da cena pedagógica”.

Indagou-se aos professores sobre os tipos de gêneros que eles costumam utilizar para trabalhar leitura e escrita com os alunos e como utilizam os materiais. Estes afirmaram que:

O programa do PAIC já vem com todos os gêneros textuais. Trabalho mais fábula. Esses gêneros são trabalhados cada um, conforme suas características, para que eles saibam identificar. Leitura individual para identificar o desenvolvimento de leitura de cada um. (P1).

Trabalho muita lenda, porque os livros trazem muitas lendas. Lendo e interpretando as lendas. (P2).

Gosto muito de trabalhar fábulas e tirinhas. Leitura em grupo e individual. (P3).

Trabalho todas, mas a fábula é trabalhada com mais frequência. Toda semana lemos dois gêneros textuais diferentes. (P4).

Nota-se que os educadores desenvolvem suas práticas pedagógicas com base no Programa de Alfabetização na Idade Certa – PAIC, tendo em vista ser este desenvolvido com a intenção de colaborar e auxiliar na aprendizagem dos alunos. Nesse caso, acredita-se que as atividades do PAIC rendem bons resultados, já que o grande desafio apresentado no Projeto Político Pedagógico – PPP (BARBALHA, 2015, p. 08) da escola é “garantir a melhoria da qualidade no ensino através de uma pedagogia centrada na aprendizagem do alunado, tendo em vista a atuação do professor, na busca constante de uma aprendizagem significativa”.

Questionou-se, ainda, qual o tipo de atividade (leitura e escrita) trabalhada em sala de aula em que se observa o maior progresso dos alunos:

A oralidade é a melhor forma de alfabetizar. Mesmo sem saber com qual letra escreve, a criança consegue responder o que lhe é solicitado. (P1).

Na parte da escrita e manifestação, pois tem aqueles que são tímidos para responder, apesar de ser a minoria. (P2).

Observação diária. Porque avalia o conjunto de tudo que a criança desenvolveu. (P3).

Na oralidade, pois observamos que a criança compreendeu o assunto só que não sabe descrever o entendeu. (P4).

Observa-se nas falas de dois dos quatro professores que as atividades trabalhadas para a leitura e escrita se encontram voltadas para a oralidade, tendo em vista ser essa prática mais fácil para observar se o aluno está realmente aprendendo ou não. Segundo Hoffmann (2002, p.108), “se o professor avalia continuamente, passando tarefas menores, gradativas e sequenciais, pode verificar com clareza a aprendizagem do aluno em vários momentos e de forma complementar”.

Um dos professores afirmou que verifica o progresso dos alunos pela escrita. Sabe-se que a escrita e a leitura são as habilidades mais importantes a serem desenvolvidas pelo ser humano, uma vez que é através desses processos que a pessoa pode compreender a realidade do mundo que a cerca e entender os diversos aspectos que o compõe. Segundo Menegassi e Calciolari (2002, p. 85) para ler e ser capaz de produzir algo a partir do que se leu é necessário compreender, e esta compreensão “só ocorre se houver afinidade entre o leitor e o texto; se houver uma intenção de ler, a fim de atingir um determinado objetivo”.

O outro professor relatou que observa o progresso dos seus alunos diariamente e, principalmente, no desenvolvimento como um todo. Corso (2004 p. 77) afirma que “são essas as habilidades que ajudam o aluno a ‘dar-se’ e ‘controlar’ seu processo de aprendizagem, refletindo, então, sobre sua atividade de leitura”.

Questionou-se dos professores se faz sentido oferecer textos aos seus alunos não alfabetizados. Em suas falas estes explicam que:

Textos somente escritos, não. Mas textos que possuem a linguagem verbal e não-verbal e aquele que é somente verbal, sim. Pois a partir da observação e do conhecimento prévio do assunto eles conseguem interpretar. (P1).

Só para caligrafia. (P2).

Sim, pois o aluno ele tem uma compreensão da sequência de imagens e entende o que está acontecendo. (P3).

Faz, porque através das imagens eles vão interagir e logo em seguida interpretar tudo o que se passa nas imagens. (P4).

Observa-se que para os professores torna-se mais relevante oferecer textos para as crianças não alfabetizadas só com gravuras, pois, na opinião destes, é por meio das imagens que os seus alunos passam a compreender e a constituir conhecimentos. Contudo, acredita-se que a decifração da leitura deve ser levada a sério; ela não é uma atividade meramente visual, pois, deve-se atentar que para a realização da leitura se faz necessário, anteriormente, o conhecimento da língua.

Para Cagliari (2003, p.180) “a leitura de um texto não se processa diretamente da compreensão do pensamento. A leitura é um ato linguístico e está presa a todo um mecanismo de funcionamento da linguagem, da língua específica que está sendo lida”.

Procurou-se saber dos participantes, qual a importância de alfabetizar-letrando. Os mesmos enfatizaram que:

É uma forma de assimilar melhor o que está aprendendo, conseguir ver além do que está escrito. (P1).

É saber identificar os gêneros textuais, saber redigir textos. (P2).

Está em contato com textos que façam parte do contexto, pois alfabetizar e letrar é aprender conforme as informações diárias que ocorrem no mundo. (P3).

Facilita a compreensão dos conteúdos. (P4).

Os pensamentos dos professores lembram que o processo de alfabetização e letramento precisam ser construídos diariamente, e para que isto aconteça é necessário que o professor seja o mediador, ou seja, aquele que ensina a criança a ler e a buscar entender o que está lendo, usufruindo, assim, desta aprendizagem em seu cotidiano fora da escola.

Fazendo uma arguição sobre o processo de alfabetizar letrando, Soares (2003, p.16) enfatiza que “a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída no processo de letramento”. Assim compreende-se que letrar é mais complexo que alfabetizar, já que o primeiro abrange o meio social da criança e o segundo diz respeito a decodificar letras ao longo do ensino inicial.

Considerações Finais

Durante a elaboração desse trabalho procurou-se discutir sobre a maravilhosa arte que é o processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Pôde-se constatar que os seres humanos dependem da aprendizagem porque são seres inacabados. Verificou-se que os professores da escola pesquisada estão conscientes que as experiências adquiridas pelos alunos são essenciais para a sua aprendizagem no mundo circundante. Nunca é demais conhecer novos saberes, pois, todos os dias, os conhecimentos afloram e vale a pena investir em si mesmo para poder, como educador, contribuir melhor na árdua, porém bela missão, que é a arte de educar.

Percebeu-se, com base nas teorias dos autores citados, e através do estudo de campo realizado, que as crianças têm que se preparar para o contato com a leitura e a escrita em seu cotidiano e que há diversidade na aquisição dessas habilidades entre as crianças. Cabe ao professor educá-las, orientá-las e prepará-las para enfrentar as dificuldades apresentadas e advindas após sua maturação; ou seja, deve-se prepará-las para a vida. Portanto, faz-se necessário que o professor tenha “pulsos fortes”, amando o legado de educar e ofertando aos alunos situações que ofereçam oportunidades para uma aprendizagem significativa.

Constatou-se que o programa PAIC (Programa de Alfabetização na Idade Certa) é destinado para solucionar os problemas de aprendizagem no processo de alfabetização, disponibilizando recursos financeiros, materiais de apoio e formações para os professores, materiais didáticos e paradidáticos para os alunos. Contudo, ainda é uma lamentável realidade os baixos resultados de alguns municípios cearenses nas avaliações externas.

As principais ações dos professores devem se voltar a fazer com que seus alunos aprendam a ler, tendo em vista que esta prática é enriquecida na medida em que as crianças se deparam, progressivamente, com numerosos e variados textos. Afirma-se, através deste estudo, que a leitura é um dos meios mais importantes para a consecução de novas aprendizagens dentro e fora do ambiente escolar. Faz-se necessário que se continue reservando um tempo para a leitura, geralmente na área de “Linguagem”, pois na medida em que se avança a escolaridade, aumenta-se a exigência de uma leitura independente por parte dos alunos.

Observou-se, ainda, que a falta de interesse pela leitura por parte de algumas crianças é uma das principais preocupações dos educadores entrevistados. Educadores dividem suas angústias frente a alunos que, não tendo incorporado o hábito de ler como forma de prazer e enriquecimento cultural, correm o risco de não ser leitores ou autores proficientes no mundo globalizado que os rodeiam.

Portanto, pode-se afirmar, através das observações realizadas *in loco*, que quando ocorre uma ruptura do processo de leitura e escrita das crianças que são inseridas no ensino fundamental, esta pode ocasionar grandes dificuldades para os alunos, caso os professores não cumpram uma rotina com tempo necessário para que a criança seja acolhida e assistida com vistas ao seu desenvolvimento, seja no aspecto cognitivo, afetivo, social, intelectual ou psicomotor. No entanto, pode-se dizer que o sucesso deste processo não cabe somente aos professores, mas ao trabalho conjunto de todo o âmbito educacional.

A realização desta pesquisa deixa clara a necessidade de se aprofundar discussões teóricas e empíricas sobre o problema abordado. Sem a pretensão de enfatizar o tema em sua totalidade, buscou-se discutir os aspectos primordiais desta temática através das reflexões apresentadas em uma escola do município de Barbalha – CE. Pode-se verificar, então, que este não é um problema isolado, mas que depende da boa funcionalidade de todo o sistema educativo, visto ser um fenômeno presente no ensino fundamental do país, necessitando da atenção por parte de todos que tem como fundamento a construção do cidadão consciente dos seus direitos a uma educação de qualidade.

Referências

BARBALHA. **PPP – Projeto Político Pedagógico**. (Escola pesquisada). Barbalha, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: a organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento. 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_2_Unidade2_MIOLO.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2017.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. 3. ed. Brasília, 2001.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Disponível em:<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 05 abr. 2017.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 05 abr. 2017.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo. Scipione, 2003.

CARVALHO, M. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2005.

CIASCA, S. M. (Org.). **Distúrbios de aprendizagem**: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

COLAUTO, R. D.; BEUREN, I. M. Coleta, Análise e Interpretação dos Dados. In: BEUREN, I. M. *et al.* **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p.117-144.

CORÁ, A. **Peteleco alfabetização**. Guia professor. São Paulo: Moderna, 2001.

CORSO, L. V. **Dificuldade na compreensão da leitura**: uma abordagem metacognitiva. (Coletânea de artigos). Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN. Juazeiro do Norte, 2004.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GOMES, A. V. A. **Alfabetização na idade certa**: garantir a aprendizagem no início do ensino fundamental. 2013. Disponível em:<<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/12235>>. Acesso em: 28 ago.2016.

GUSMÃO, J. B.; RIBEIRO, V. M. **Colaboração entre estado e municípios para a alfabetização de crianças na idade certa no Ceará**. 2011. Disponível em:<<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php>>. Acesso em: 13 out. 2016.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MELLO, S. A. **O processo de aquisição da escrita na educação infantil:** contribuições de Vygotsky. Campinas: Autores Associados, 2005.

MENEGASSI, R. J.; CALCIOLARI, A. C. **A leitura no vestibular:** a primazia da compreensão legitimada na prova de Língua Portuguesa. (Coletânea de artigos). Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN. Juazeiro do Norte, 2002.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, W. R. **Estudo da gramática no texto:** demandas para o ensino e a formação do professor de língua materna. Maringá: EDUEM, 2010.

SOARES, F. C. A. **PAIC à distância:** uma proposta de formação continuada para professores da rede pública Municipal de Fortaleza. 2013. 86 p. Dissertação. Mestrado Profissional em Computação Aplicada. Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza – CE, 2013.

_____. **As muitas facetas da alfabetização.** In: Alfabetização e letramento. São Paulo: Contextos, 2003.

SORDI, M. R. L. de. **Alternativas propositivas no campo da avaliação:** por que não? Campinas, SP: Papirus, 2001.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização.** (Coletânea de Artigos). Universidade Regional do Cariri – URCA: Crato, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZORZI, J. L. **A intervenção fonoaudiológica nas alterações de linguagem infantil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

DANTAS, Joana D´arc Alves; LANDIM, Maria Natália Pereira; SOBREIRA, Mariza Danielli Pereira; BRITO, Micaelle Nunes Sobreira de Brito. Reflexões no Processo da Leitura e da Escrita nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 707-724. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 26/02/2020;

Aceito: 27/02/2020.